

## A MINERAÇÃO DE FERRO E SUAS CONTRADIÇÕES NO TERRITÓRIO CAMPONÊS

Erivan Camelo da Silva<sup>1</sup>  
Aldiva Sales Diniz<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa buscou analisar os conflitos socioambientais ocorridos entre o território camponês e a mineração de ferro de responsabilidade da mineradora Globest localizado nas comunidades de Bandarra e Besouro no município de Quiterianópolis – CE. A metodologia aplicada abordou o diálogo imprescindível entre a teoria e empiria no território em conflito, compreendendo que estes dois aspectos foram fundamentais para a consolidação de um pensamento coerente com a realidade em constante mutação. A mineração causou impactos direto nos modos de vida estabelecidos dentro do território camponês, principalmente relacionados a produção de alimentos e a saúde. Portanto, aquele espaço geográfico onde está constituído o território camponês, agora está em conflito com o capital mineral e, cuja suas relações sociais são distintas e promovem modelos divergentes de desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Território, Mineração, Campesinato.

### INTRODUÇÃO

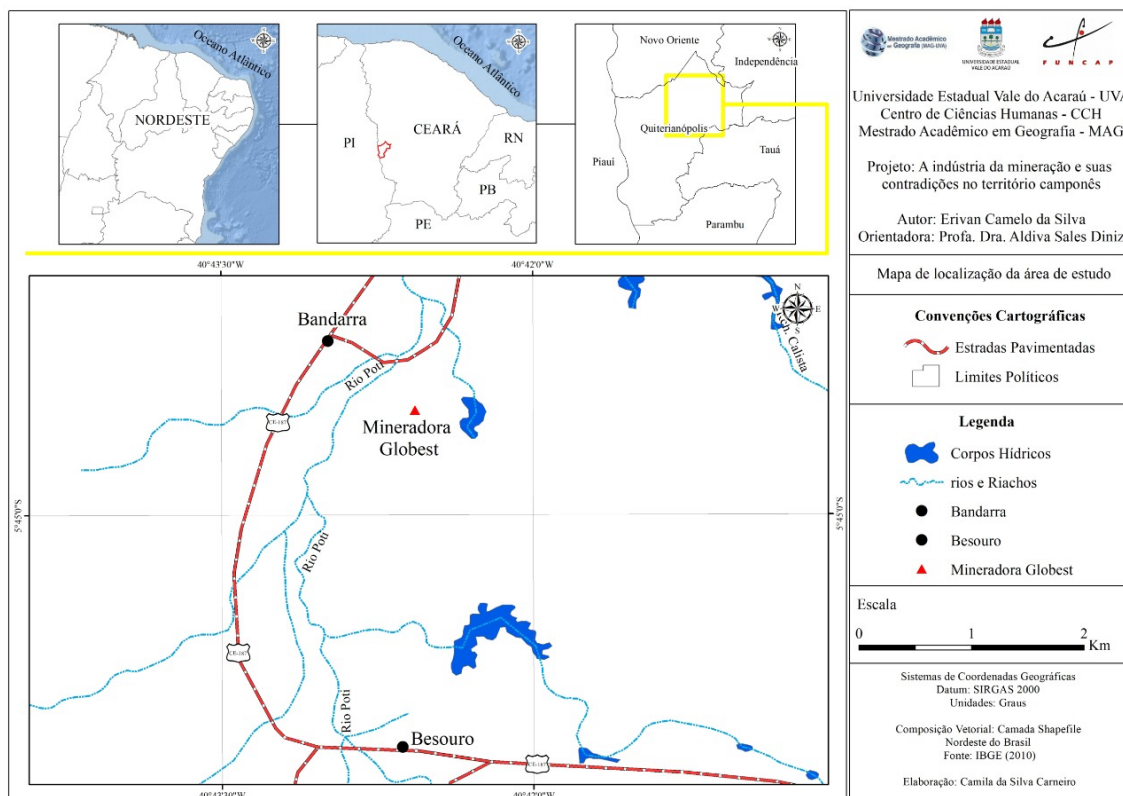
Este trabalho se caracteriza pela importância de averiguar os impactos socioambientais que a indústria da mineração causou nas comunidades de Bandarra e Besouro no município de Quiterianópolis – CE, território camponês que, desde do ano 2010, se sente ameaçado por presenciar seus modos de vida sendo destruídos com a extração do minério de ferro pelo capital mineral.

A expropriação dos recursos naturais, incluindo os minérios, tem modificado as relações sociais e de poder dentro dos territórios camponeses e, isso tem gerado mais pobreza para aqueles que vivem da produção camponesa e concentrado mais riqueza em torno das empresas capitalistas. Por isso concordamos com Eduardo Galeano (1981), quando afirmou que nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheira, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros. Os outros, é uma referencia que o autor faz em relação a alquimia colonial e neocolonial que converteram o minério em sucata e os alimentos em venenos.

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia no Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – Sobral/CE. E-mail: [erivancs05@gmail.com]

<sup>2</sup> Doutora em Geografia Humana, pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta do curso de Geografia, e do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA) – Sobral/CE. E-mail [aldivadiniz@gmail.com]

Mapa I - Localização da área de estudo



Segundo o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM, 2017), depois de mais de trezentos anos que somos um País minerado, a temática da mineração está em evidência no Brasil e, isso se deu, em boa medida, pela visibilidade internacional que a atividade ganhou após o desastre (crime) ocorrido no município de Mariana-MG no dia cinco de novembro de 2015, quando uma barragem de contenção de rejeitos de minério de ferro da empresa Samarco Mineração S.A., controlada pela Vale S.A. e pela BHP Billiton do Brasil Ltda., rompeu e causou inúmeros impactos socioambientais em toda a bacia hidrográfica do rio Doce.

O aumento expressivo da extração de minérios no território brasileiro no período do “boom”<sup>3</sup> da mineração se deu pelo alto consumo mundial de importação de ferro, principalmente pela China e, pela política de crescimento econômico baseada na reprimarização da economia, que deu ênfase a fortes investimentos em bens primários, mas do que nos beneficiados e industrializados. É nesse contexto que muitas paisagens foram moídas em Quiterianópolis e, segundo Uchoa (2016) 1,2 milhões de toneladas minério de ferro virou commodities e atravessou os

<sup>3</sup> Também conhecido como superciclo, o boom da mineração (commodities) se configura pelo grande crescimento da produção mineral do Brasil que cresceu 550% entre 2001 e 2011, saindo de 1,6% para representar 4,1% do PIB brasileiro no intervalo de dez anos. (BITTENCOURT, 2013).

oceanos até chegar na China.

Nos referimos ao desastre ocorrido Mariana em uma escala maior, para ressaltar o caso da mineração em Quiterianópolis mesmo sendo em menor escala, vem causando impactos socioambientais naquele território. afirmamos isso com base em um relatório técnico da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE) de março de 2016 que relata entre sete infrações, uma que diz “instalar barreira de contenção de escoamento de sedimentos na APP do Rio Poty”. Portanto, esse exemplo retrata o descaso da mineradora em relação aos recursos naturais que é o pilar central de geração de vida naquele território.

A hipótese de que há um conflito socioambiental estabelecido entre o território camponês e a mineradora, fica ainda mais evidente quando os próprios moradores fizeram denúncias junto a Ministério Público daquele município, como consta na ata da reunião que aconteceu no dia 15 de outubro de 2013 na comunidade de Bandarro e, foi a partir disso que se constituiu um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) entre a Globert o Ministério Público e a Superintendência Estadual do Meio Ambiente. Por outro lado, os conflitos socioambientais se reverberam na fala do povo, no que diz respeito a poluição e/ou diminuição da água, redução da produção agrícola, assoreamento e possível contaminação do Rio Poty, rachaduras nas casas e, problemas de saúde causados pela poeira expelida pela mineração.

## METODOLOGIA

O intuito com o qual nos apropriamos do tema sobre conflitos socioambientais na mineração e, conseqüentemente, o que e como estamos devolvendo para à sociedade está diretamente relacionado à nossa condição de sujeitos na história, aos posicionamentos ético-políticos que assumimos e defendemos e o lugar em que nos localizamos na divisão da sociedade em classes sociais antagônicas. Este trabalho se propõe ser um instrumento que potencialize a classe trabalhadora no contexto das lutas de classe. Desde já explicitamos nosso entendimento de que não há neutralidade na ciência, muito menos na perspectiva assumida nas linhas que seguem.

Portanto, projetamos este trabalho com a perspectiva de compreender os conflitos socioambientais na mineração, cujo método escolhido abordará o dialogo imprescindível entre a teoria e empiria, compreendendo que estes dois aspectos serão fundamentais para a consolidação de um pensamento que seja coerente com a realidade em constante mutação. Concordamos com Marx (2002) quando este afirma que a ciência real tem inicio na concretude da vida real, que são nos processos da vida material que se dão as transformações da realidade, inclusive no campo do

pensamento, da consciência.

Reafirmamos também a concepção de Ruy Mauro Mariane quando diz que “a ciência não é um conjunto de procedimentos destinados a embelezar ou escamotear a realidade. Cabe à ciência lidar com os fatos, embora isso implique perder a elegância e sujar as mãos” (MARINI, 2005, p. 235).

Por isso, trilhamos caminhos e fizemos diálogos direto com moradores da comunidade Bandarro e Besouro e, a partir das escutas informais fomos sistematizando a relação conflituosa que eles têm com a mineração. Analisamos alguns documentos oficiais sobre o empreendimento e da própria organização das comunidades. Realizamos entrevistas semiestruturadas com pelo menos seis pessoas que contaram sobre os seus modos de vida antes e depois que a mineradora Globest chegou naquele território. Percebemos a emoção que os entrevistados demonstraram quando falaram de suas vidas e das ameaças que a mineração trouxe para o ambiente comunitário. O Sr. Manoel Luís relatou que “depois que a mineradora Globest chegou aqui na nossa localidade e iniciou o trabalho dela, para nós que mora aqui ela não trouxe benefício algum, apenas prejuízo para nossa saúde”

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO OU PROBLEMATIZAÇÃO**

Segundo Milanez (2016) os impactos sociais e ambientais da mineração não são pontuais, mas extensos, uma vez que se estendem pelos corredores de distribuição e exportação, bem como pelas bacias hidrográficas. Além disso, independente dos melhores métodos de gestão ambiental, as modificações ecológicas e ambientais são tão complexas que devem ser encaradas como mudanças irreversíveis e permanentes, sendo a função ecológica e as condições sociais extintas.

Conforme Zonta e Trocate (2016), a tragédia de Mariana é inesgotável de exemplos, do mito da bonança ao progresso inevitável, numa desmensurada justificava que tudo pode ser recompensado. Mas como se pode justificar o fim pelos meios? Se a mineração é destruição a exemplo da tragédia de Mariana, significa também afirmar que tudo poderá ser sucumbido pela lógica da produção capitalista em nome do “progresso”.

Nesta lógica, os bens naturais poderão ser moídos, a terra deixará de produzir, a água virará definitivamente mercadoria, os povos e seus modos de vida precisam desaparecer, tudo isso para dá lugar ao aparelho capitalista monopolizado que tem lucro máximo e que nos fará apenas consumidores de produtos tecnológicos obsoletos. Foi com este lobby do “desenvolvimento” que a empresa Globest iniciou a mineração em Quiterianópolis, e logo depois, os camponeses

presenciaram os impactos que lhes foram impostos. Sobre isso o agricultor José Neto relata “quando ela chegou aqui disse que iria trazer mil maravilhas para nós, ai quando minha casa começou rachar e faltar água para bicho e para gente, começamos a sofrer”.



Figura I – Serra do Besouro no período de chuvas em 2008, antes da mineração.



Figura II – Serra do Besouro no verão de 2018, depois da mineração.

Os principais resultados extraídos da pesquisa de campo foi sistematizado a partir da própria fala do povo. O agricultor Oscar Macedo relata “o meu sonho foi de água baixo por que depois que a mineradora chegou a nossa produção diminuiu muito e até matou nossas plantas”. Ele segue dizendo “depois que a mineradora cavou os buracos no leito do rio para levar água para os serviços deles, nossos poços secaram e tem gente que fica sem água para o consumo de casa”. O jovem agricultor Romário Macedo relata “a mineradora retirou durante anos em torno de trezentos mil litros de água por dia”. Essas falas são bastante compreensivas e fez agente perceber que as duas coisas mais importantes (água e produção) para a vida dos camponeses, foram tiradas.

Para os camponeses, o território tem uma simbologia e sobre isso a agricultora e professora Maria Silvia relata “aqui antes esse morro era bem verde e todo cheio de mata, agora está tudo destruído... aqui agente dizia que era o cartão postal da nossa localidade”. Ela ainda diz que para além de ter perdido o cartão postal, conforme as figuras I e II, ganhou a poeira que toda hora precisa está limpando a casa. Tal poeira é outra coisa complicada porque causa problemas de saúde, e a agricultora Luiza Sobra diz “eu fico com as portas fechadas, não posso pegar poeira porque sinto a dor no peito, tem quatro dias que estou pior demais”. Para além de deste depoimento, escutamos conversas sobre doenças respiratórias, e de pele.

Para além do que foi relatado e presenciado por nós, existe o problema do assoreamento do rio Poty, pessoas que tiveram que deixar a comunidade devido a poeira, os tremores nas casas



quando disparavam dinamites, o trânsito de caminhões. Dai, surgiu o conflito socioambiental entre o território camponês e a Globest.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho revelou duas coisas bastante pertinentes: uma está relacionada a expropriação dos recursos minerais pelas mineradoras sem ter nem uma preocupação com os impactos socioambientais capazes de destruir os modos de vida de um território a exemplo de Quiterianópolis e, a outra é sobre a convivência do próprio Estado que deixou de fiscalizar os descasos da mineradora, que inclusive passou um período funcionando sem ter licenças para tal.

Indicaria que a produção do conhecimento acadêmico, tão discutido dentro das universidades, deixasse o seu conforto laboratorial e fossem ao campo, para conviver e dialogar com os atingidos pela indústria da mineração. E, que qualquer território que escutar um dialogo que vai chegar uma mineradora para extrair minério, se mobilizem e reivindique seus direitos.

Enfim, afirmar a importância de ter tido o privilégio de estudarmos um tema que servirá de reflexão sobre os problemas que geram os conflitos socioambientais ligado a mineração dentro dos territórios que tem vida e podem lutar pela sua soberania com mais fortaleza, desde que conheça o que significa a indústria da mineração.

## AGRADECIMENTOS

Ao Mestrado Acadêmico em Geografia. A Professora e Orientadora Aldiva Sales Diniz pelo seu empenho na construção de uma pesquisa engajada. Aos meus colegas do mestrado com quem partilho a vida acadêmica. Aos camponeses e camponesas das comunidades Bandarro e Besouro que me acolheram para longas conversas. E, a FUNCAP pela bolsa de estudos que está me proporcionando pesquisar.

## REFERÊNCIA

- BITTENCOURT, Carlos. **Os Dilemas do Código da Mineração**. Rio de Janeiro: Ibase, 2013.
- DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. São Paulo. Editora Paz e Terra S/A, 1981.
- MARINE, Ruy Mauro. **Sobre o Estado na América Latina**. In: TRASPADINI, Roberta;
- STEDILE, João P. (Org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005a. p. 224-235.
- MARX, Karl. *A ideologia alemã*. 3ª edição. Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Milanez, B. **Mineração e impactos socioambientais: as dores de um país extrativista**. Minas gerais, 2016.



**MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR NA MINERAÇÃO. Assembleias Populares da mineração: um debate urgente e necessário.** Marabá – PA, 2017.

SEMACE. **Relatório técnico 1797/2016-DIFIS GEFIS.** Fortaleza, março de 2016.

SEMACE. **Termo de compromisso ajustamento de conduta** – 14/2014. Procedimento administrativo MP/CE – 15/2013. 2014, Quiterianópolis, CE.

UCHOA, Eleniton Bezerra. **Integração de Dados Multifonte com Base em Lógica Fuzzy na Modelagem Prospectiva do Depósito de Ferro em Quiterianópolis.** Dissertação (mestrado) UFC, Fortaleza, 2016.

ZONTA, M.; TROCATE, C. (Orgs) **Antes fosse mais leve a carga: reflexões sobre o desastre da Samarco / Vale / BHP Billiton.** Marabá: Editorial Iguaçu, 2016.